



### **A EXTREMA DIREITA E OS MEMES DE CAVALEIROS MEDIEVAIS: POSSÍVEIS IMPACTOS NO ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL**

*The extreme right and the memes of medieval knights: possible impacts on history teaching*

*La extrema derecha y los memes de los caballeros medievales: posibles impactos en la enseñanza de la historia*

Núbia Challine de Oliveira Coelho <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto representa as reflexões inseridas no contexto de uma pesquisa no âmbito do ProfHistória/UFNT, que se propõe a analisar como os *memes de internet* com temática de cavaleiros medievais podem interferir na construção do conhecimento histórico dos estudantes do Ensino Médio acerca do medieval. Ao utilizar referências medievais, a extrema direita brasileira se apropria desse imaginário e tais apropriações são representadas de diversas formas, mas uma em específico chama a atenção: *os memes de internet* (CHAGAS, 2020). Desta forma, busca-se identificar as possibilidades de atuação do ensino de História nesse contexto marcado pelo uso do passado medieval por grupos de extrema direita em ambientes digitais (em específico as redes sociais).

**Palavras-chaves:** Memes. Cavaleiros medievais. Ensino de História. Extrema direita.

**Abstract:** This text represents the reflections inserted in the context of a research within the scope of ProfHistória/UFNT, which aims to analyze how internet memes with a theme of medieval knights can interfere in the construction of historical knowledge of high school students about the medieval. Ao using medieval references, the Brazilian extreme right appropriates this imagery and such appropriations are represented in different ways, but one in particular draws attention: internet memes (CHAGAS, 2020). In this way, we seek to identify the possibilities for the teaching of History in this context marked by the use of the medieval past by far-right groups in digital environments (specifically social networks).

**Keywords:** Memes. Medieval knights. Teaching History. Far right.

**Resumen:** Este texto representa reflexiones insertadas en el contexto de una investigación en el ámbito de la ProfHistória/UFNT, que tiene como objetivo analizar cómo los memes de Internet con temática de caballeros medievales pueden interferir en la construcción del conocimiento histórico de los estudiantes de secundaria sobre la época medieval. referencias, la extrema derecha brasileña se apropia de este imaginario y dichas apropiaciones se representan de diferentes maneras, pero una en particular llama la atención: los memes de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: n.c.o.c@hotmail.com. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2918584032593081>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6596-4052>.

internet (CHAGAS, 2020). De este modo, buscamos identificar las posibilidades para la enseñanza de la Historia en este contexto marcado por el uso del pasado medieval por parte de grupos de extrema derecha en entornos digitales (específicamente las redes sociales).

**Palabras clave:** Memes. Caballeros medievales. Enseñanza de la Historia. Más a la derecha.

### Considerações iniciais

*Encha as pessoas com dados incombustíveis, entupa-as tanto com 'fatos' que elas se sintam empanturradas, mas absolutamente 'brilhantes' quanto a informações. Assim elas imaginarão que estão pensando, terão uma sensação de movimento sem sair do lugar. E ficarão felizes, porque fatos dessa ordem não mudam.*  
Ray Bradbury – *Fahrenheit 451*

Em 1931 Aldous Huxley lançou o livro *Admirável mundo novo*, uma distopia que descrevia um mundo futuro em que a sociedade estava metódica e sistematicamente organizada em grupos bem definidos. Todos eram condicionados através da genética, de ideologias que eram incorporadas durante o sono e altas doses de *soma* (a droga da felicidade). Um mundo “perfeito” proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico.

Poucos anos depois, em 1953, Ray Bradbury publica *Fahrenheit 451*, o mundo distópico em que bombeiros queimam livros. A sociedade de Fahrenheit 451 se aliena através de telas brilhantes, imagens holográficas, programas fúteis que passam na televisão e no rádio e que pedem a participação dos telespectadores. A tecnologia é utilizada para alienar e manter as pessoas longe dos livros, considerados fontes de infelicidade e insatisfação.

Em 1954, outro autor apresentou sua visão distópica do futuro: George Orwell. No livro *1984*, ele descreve uma sociedade totalitária, controlada pelo Grande Irmão – que se faz presente em todas as casas através da teletela, um aparelho de televisão que não pode jamais ser desligado. Em 1984, a ordem é mantida pela vigilância constante através da tecnologia, pela burocracia, manipulação e violência física. Linguagem, ideias, poder, tecnologia se mostram armas poderosas de controle e submissão.

Futuros distópicos como os apresentados rapidamente aqui representam os medos, os anseios, da sociedade da época. Em 2023 muitos desses medos e anseios voltam a ser tema de conversas, reportagens, postagens em redes sociais e debates nas universidades e nas escolas, como por exemplo, o acesso a informações pessoais e a utilização delas pelas *Big Techs*, o desenvolvimento das inteligências artificiais, o crescimento de ideias extremistas, a proliferação de negacionismos e revisionismos que desmerecem o conhecimento produzido pela academia. Pensa-se, portanto, em qual o papel do desenvolvimento tecnológico na vida das pessoas? Qual o papel dos governos, dos políticos diante desse desenvolvimento? Qual o

lugar das escolas em um mundo em que o conhecimento e as informações estão na palma das mãos, colocados como equivalentes (e não o são)? E a disciplina de História, qual seu papel diante de tantas transformações?

O mundo virtual adentrou nossas experiências pessoais, coletivas, institucionais, misturando-se com as experiências antes restritas ao mundo físico, modificando a forma como nos relacionamos, como estudamos, como aprendemos, como nos expressamos. Ficar à margem dessas mudanças não pode ser uma opção para professores de História da Educação Básica uma vez que a cultura da virtualidade real (CASTELLS, 2011) é uma realidade especialmente para os jovens que ainda se perguntam, sentados em salas de aula de séculos passados, para que estudar História.

Para pensar tal situação, faz-se um breve histórico sobre alguns marcos do desenvolvimento da História como disciplina escolar e suas transformações diante das exigências do século XXI, em especial no que diz respeito àquelas trazidas pela Era Digital (BARROS, 2022) e pelas políticas de currículo (Base Nacional Comum Curricular - BNCC) e reforma do Ensino Médio (NEM).

Tais discussões, apesar de generalizantes, têm como recorte um espaço geográfico específico, onde se desenvolveu a pesquisa, que é o Centro de Ensino Médio Tiradentes (CEM Tiradentes), uma escola pública de Ensino Médio Regular, localizada em Palmas, no estado do Tocantins. A partir de tal espaço é que se pensa a relação entre ensino de História, memes de cavaleiros medievais, ciberespaço, redes digitais e a extrema direita brasileira. Considera-se que, para estudantes do século XXI se faz necessário, como defendido por Marella Albaine F. da Costa, que o ensino seja vivo e significativo, incorporando a lógica digital em suas atividades, utilizando a tecnologia como um meio e não como fim em si (COSTA, 2021).

### **Ensino de História ontem e hoje**

O ensino de História (por sua amplitude e complexidade) exige de seus profissionais um aperfeiçoamento constante em relação à teoria e sua prática em si. Tal aperfeiçoamento se efetiva em diferentes frentes, pessoais e institucionais, abarcando desde a atualização em relação às leis, metodologias e teorias à formação pedagógica complementar. Pensando dessa forma, urge compreender a mudança de sujeitos, objetos e conceitos que envolvem a

produção histórica no Brasil e como isso vem se refletindo nas salas de aula. Em artigo de 1995, traduzido para o português em 2001, Dominique Julia discute a cultura escolar, definida pelo autor:

Como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p.11).

O autor ressalta, em sua definição de cultura escolar, a necessidade de interligar as normas que regem a educação, o papel desempenhado pelos profissionais na transmissão do conhecimento histórico e a finalidade dessas normas e práticas às relações - conflituosas ou não - da época em que estão inseridas. Desta forma, percebe-se que o Brasil, desde sua emancipação política preocupou-se em organizar a disciplina de História enfatizando a periodização política, a biografia de homens ilustres e em datas e batalhas que irão marcar a organização e estruturação da História como disciplina no Brasil.

Com o advento da República, pouco se modificou. Persistia o estudo de notáveis, especialmente os europeus, mas introduzindo os notáveis locais, numa clara preocupação com a formação de um cidadão que estivesse em consonância com o sistema social, político e econômico que então se impunha. Outra grande preocupação da República foi construir a imagem de seus próprios heróis nacionais, definindo aqueles merecedores de tal honraria e tratando de instituir festas cívicas e feriados, ou seja, criou-se uma ideia de nação livre e sem conflitos, que contou com a contribuição de diversos povos (europeus, indígenas e africanos). Portanto, uma nação livre de violências, democrática e com um brilhante futuro pela frente (vide a bandeira com os dizeres: “Ordem e Progresso”).

Algumas mudanças significativas passaram a ser observadas a partir da década de 1920, associadas à Escola Nova e com críticas que trazem à tona a excessiva ênfase na História política e sua cronologia, a necessidade de analisar as sociedades contemporâneas, bem como uma visão do aluno que deve ser estimulado a investigar e a estruturar análises e críticas. Como salientado por Schmidt, a reforma de Francisco Campos, ainda em 1931, revela

Uma tentativa de renovação metodológica do ensino, particularmente no que se refere às sugestões de procedimentos técnicos que o professor deveria utilizar para motivar o aluno, ressaltando e valorizando alguns aspectos, como a necessidade da relação dos conteúdos com o presente (SCHMIDT, 2012, p. 81).

Esta ênfase no estudo histórico, relacionando passado e presente, irá permanecer e se alargar ao longo das décadas seguintes. Como apontado por Schmidt (2012) os anos 1950/1960 trazem consigo maior alcance da escola secundária, provocando a exposição de uma contradição: ensino voltado às elites, mas oferecido às camadas populares, que questionam a utilidade daqueles estudos. Há também, no campo dos estudos históricos, maior abertura à interdisciplinaridade e uma ênfase cada vez maior no caráter problematizador e interpretativo da ciência histórica.

Os anos 1970/1980 (período marcado pela experiência ditatorial) viram o retorno dos Estudos Sociais, que retira da História seu caráter de disciplina autônoma, ao mesmo tempo que reforça seu caráter de instrumento de veiculação e formação do espírito cívico. Entretanto, isso não ocorre de forma pacífica. Schmidt aponta que “a imposição dos Estudos Sociais foi acompanhada de um grande movimento de resistência e luta pela volta do ensino de História nas escolas brasileiras, configurando um novo momento na construção do código disciplinar da História” (SCHMIDT, 2012, p.86).

Já os anos 1990 foram marcados, dentro da área de ensino de História, pela solidificação e ampliação de mudanças importantes na visão sobre o que, como e por que ensinar História. Em texto de 1993, Elza Nadai reconhecia que

Diversas propostas de ensino e as práticas docentes têm ajudado a viabilizar outras concepções de História, mais comprometidas com a libertação e a emancipação do homem. E a História, a mais política das ciências sociais, tem ressurgido das cinzas (onde a ditadura pensou sepultá-la), tal qual Fênix, mais fortalecida do que nunca. (NADAI, 1993, p.160).

Essas novas concepções colocam o sujeito - no caso, o estudante - como ser humano dotado de autonomia e reforçam os laços que ligam o saber escolar ao saber acadêmico, colocando luz sobre novos temas, novas fontes e novas metodologias de estudo e ensino da História. Desta forma, o estudo dos heróis e das personalidades históricas convive com o estudo das pessoas comuns, possibilitando ao estudante reconhecer “o papel da História para

ajudá-lo na compreensão de si, dos outros e do lugar que ocupamos na sociedade e no dever histórico” (NADAI, 1993, p. 159).

Tais perspectivas foram ampliadas, via participação social, e trouxeram consigo a aprovação de leis como as 10.639/03 e 11.645/08 que tornaram obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira bem como da história e cultura indígenas. (BITTENCOURT, 2018, p.142). Para além da discussão curricular percebe-se também um alargamento nas concepções sobre como ensinar História, abrindo espaço para discussões importantes sobre patrimônio, memória, redes sociais.

Compreendendo disciplina escolar como um “conjunto de conhecimentos identificado por um título ou rubrica e dotado de organização própria para o estudo escolar, com finalidades específicas ao conteúdo de que se trata e formas próprias para sua apresentação” (FONSECA, 2016, p.15), somos levados a analisar as finalidades e as formas de apresentação da História como disciplina nos dias de hoje em que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) desde 2017 provocou a redução da carga horária destinada ao ensino de História do Ensino Médio e o material didático disponibilizado diluiu as Ciências Humanas em uma espécie de *Estudos Sociais*.

### **Os memes de internet, a extrema direita e o ensino de História**

O uso do termo *meme* tem sua origem ainda na década de 1970, em livro do biólogo Richard Dawkins, “O gene egoísta” publicado no Brasil em 1979, pela editora Itatiaia. Em sua proposta Dawkins procura, por meio de termos e analogias biológicas, compreender a cultura. Desta forma, o meme se assemelha ao gene uma vez que é capaz de transmitir aspectos culturais, enquanto os genes transmitem informações biológicas. A ênfase recai, portanto, na capacidade replicadora dos memes que seriam unidades de cultura repassadas entre as pessoas, de forma não genética.

Viktor Chagas (2020) ressalta que apesar do conceito de meme ser anterior à internet, ligado à biologia, diversos estudos sobre o assunto abrangem áreas do conhecimento perpassando a filosofia, a comunicação, a política, a educação, dentre outras. Entretanto, para os jovens do século XXI, o termo acabou por se associar a algo distinto, que se tornou popular no ambiente de redes sociais e se tornaram conhecidos por “*memes de internet*”.

Nas palavras de Michele Knobel e Colin Lankshear “entre os *insiders* da internet, meme é um termo popular para descrever a rápida consolidação e disseminação de uma ideia



particular, apresentada como um texto escrito, imagem, “movimento” de linguagem ou alguma outra unidade de “material” cultural”. (KNOBEL; LANKSHEAR, 2020, p. 82).

Reforça-se, dessa forma, que o termo é conhecido fora do ambiente acadêmico e das pesquisas sobre memética, por pessoas leigas, utilizando seus computadores e celulares para navegar pela internet. De fato, desde muito cedo, temos a circulação de conteúdos meméticos na internet, a exemplo do site agregador de conteúdos virais *Memepool*, em 1998 e o web-fórum 4chan<sup>2</sup>, lançado em 2003, que foi palco de popularização dos *LoLcats* (memes compostos pela imagem de gatos, com frases em inglês, intencionalmente grafadas incorretamente, provocando comicidade para quem vê).

Em linhas gerais meme de internet consiste, basicamente, em uma imagem, texto, vídeo, ou uma mistura desses elementos, portadora de uma mensagem que é apresentada de forma direta, por frases ou expressões curtas, ou indireta, através da compreensão da relação entre imagem, texto e contexto. Mas Limor Shifman aprofunda a reflexão ao afirmar que

Enquanto memes são aparentemente artefatos triviais e mundanos, eles, na realidade, refletem estruturas sociais e culturais profundas. Em muitos sentidos, memes de internet podem ser tratados como um folclore (pós-) moderno, em que normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais como imagens photoshopadas ou lendas urbanas (SHIFMAN, 2020, p. 74-75).

Percebe-se, portanto, que os memes de internet podem ser compreendidos também em sua dimensão cultural e simbólica, como representantes de ideias, valores de um grupo, não estando restritos ao ambiente da “zueira”. Desta forma, o contexto em que estão inseridos é crucial para sua compreensão por parte daqueles entre os quais circula e para a análise mais aprofundada.

Como defendido por Manuel Castells, a difusão da internet, a vivência através das redes sociais, a escolha por se instruir também pelas redes sociais provocam uma “cultura da virtualidade real”, ou seja, houve a transformação do sistema de comunicação na qual

---

<sup>2</sup> Ver: CHEN, Carl. **The creation and meaning of internet memes in 4chan: Popular internet culture in the age of online digital reproduction**. New Haven, CT: Institutions Habitus Spring, 2012.

A própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2011, p. 459).

É dentro desse mar de transformações, em suas possibilidades, limites e desafios que os memes surgem como um recurso de comunicação e também encontra lugar no ambiente educacional, em termos pedagógicos e didáticos. Para utilizá-los de forma mais efetiva é preciso conhecer o meio no qual surgiu, é produzido e na qual circula. Compreendê-los para além da comicidade ou da ironia e se atentar para suas especificidades é essencial para professores/as que decidam por utilizá-los como um recurso didático-metodológico.

Ressalte-se aqui, algumas de suas principais características a fim de conceituá-los melhor. Letícia Costa Silva lista algumas das principais características dos memes de internet, compreendidos por ela como um gênero de discurso: “intertextualidade entre as peças, bem como sua constante autorreferência; a autoria difusa; o uso de humor derrisório ou irônico; a reapropriação e a grande reprodução dos conteúdos; e sua capacidade de gerar grupos de identificação”. (SILVA, 2022, p. 29). Apresentemos um dos memes de cavaleiros medievais trabalhados durante a pesquisa para detalhar tais características:

Figura 1 – Exemplo de um meme de cavaleiro medieval utilizado pela extrema direita brasileira



Fonte: Disponível em <https://twitter.com/maishistoriopf/status/1289373842855485443?lang=eu>  
Acesso em: 06 dez 2022



Para compreender o meme utilizado como exemplo é preciso analisar os diversos elementos que o compõem (separadamente e em conjunto). O grau de intertextualidade é grande: um cavaleiro cruzado que só será reconhecido se já se conhece o traje típico, a bandeira do Brasil imperial, o ex-presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, e um antigo político brasileiro, Enéas Carneiro, transvestido de papa. Complementando a mensagem um pequeno texto convocando os “soldados” para a “luta”.

O contexto em que esse meme foi produzido, o período em que circulou é que o farão compreensível para um determinado grupo (no caso específico, os apoiadores do ex-presidente). Como defende Chagas “a explicação contextual é sempre fundamental, porque é ela que permite a emergência da memória social construída em torno dos fatos e acontecimentos, dos personagens e das situações do dia a dia” (CHAGAS, 2021, p. 83). Ou seja, além de uma mensagem o meme gera grupos de identificação – as pessoas que comungam das mesmas ideias se reconhecem e estabelecem laços de sociabilidade em torno da compreensão de determinados artefatos culturais.

Esse mesmo meme pode ser reproduzido e modificado diversas vezes, tornando difícil constatar a autoria deles. Há alguns produtores de memes que utilizam marcas d’água e outros tipos de assinatura, mas em se tratando de reapropriação e reprodução de conteúdo de outros, a autoria se assemelha mais a uma autoria difusa. Trata-se de uma grande questão posta aos historiadores quando tratam os memes como fontes de pesquisa, mas deixaremos esta discussão para outro trabalho.

A presença de memes de cavaleiros medievais associados ao ex-presidente da República, associados também a temáticas femininas (a imagem estereotipada – e errônea – de cavaleiros medievais queimando bruxas) dentre outras associações revelam o que Débora Andrade aponta a respeito da ação da extrema-direita na atualidade. Para a autora:

Ativistas de extrema direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço constituindo mesmo uma rede virtual de extrema direita na América Latina, como forma de ampliar seu discurso de ódio e ampliar a audiência sem custos, adquirindo uma visibilidade de que não desfrutavam fora do ambiente virtual (ANDRADE, 2022, p. 227).

No Brasil de 2022, a atenção se volta para a ação de um grupo político-ideológico que se pode chamar de “extrema direita”. A ascensão da extrema direita no Brasil não é algo

original, e sim um movimento de assimilação, apropriação e ressignificação de algo que já vinha crescendo na Europa e nos EUA, mas que, ao mesmo tempo, mantém sua originalidade (LÖWY, 2015).

Em terras brasileiras, a extrema direita se configura desde 2013 (MORAIS, 2019) com o aumento crescente de pautas morais ligadas a ideias ultraconservadoras (militarismo, intolerância com relação a minorias – em especial, sexuais – e religiosidade), de grupos, como o Tradição, Família e Propriedade (TFP), além da representação política de pessoas que defendem tais princípios. Como demonstrado por Moraes, uma das formas através das quais a extrema direita se organiza no Brasil é

(iv)a família cristã como fiadora dos valores morais, [...] (vi)a (re)aproximação entre Estado e Religião como garantia de hegemonia política dos grupos dominantes [...] e (vii)o uso da violência como condição estruturante da ordem e do progresso (MORAIS, 2019, p156).

A disseminação de memes com temática de cavaleiros medievais faz parte de um contexto mais amplo, marcado também pela ofensiva sobre os profissionais do ensino de História, com produções bibliográficas, vídeos de *Youtube* e outras produções que trabalham com a ideia de: “seu professor de História mentiu pra você”<sup>3</sup>. Para exemplificar, pode-se mencionar os livros do jornalista paranaense Leandro Narloch (sendo o mais conhecido o “Guia politicamente incorreto da história do Brasil”, com primeira edição em 2009), os vídeos de Olavo de Carvalho e as produções de vídeos/documentários da empresa Brasil Paralelo.

Tais personagens parecem retomar as premissas dos idos 1800, que pensavam a História como algo restrito às elites e o ensino de História com o único objetivo de formar cidadãos obedientes e que cultuem seus heróis. Mas quais seriam esses heróis? O herói desse grupo tem sido muitas vezes o cavaleiro medieval, numa clara retomada da História europeia como mediadora e constituinte da identidade brasileira. Enxergam-se, no cavaleiro medieval, virtudes valorizadas pelos membros da extrema direita: honra, lealdade e fé cristã. Não se considera, contudo, a historicidade desses personagens, e sim uma idealização construída por seus sucessores, em um movimento conhecido como “medievalismo”.

O uso político das redes sociais é também uma realidade recente, especialmente quando pensamos em termos de dois exemplos antagônicos: seu uso para organização de manifestações contra governos autoritários, como na Primavera Árabe; para manifestações

---

<sup>3</sup> Expressão muito utilizada principalmente nos vídeos de canais do *Youtube*.

políticas como nas *Jornadas de Junho*, ao mesmo tempo que governos autoritários utilizam as redes para rastrear e identificar subversivos ou a utilização dos dados dos usuários para fins de manipulação política – caso da Cambridge Analytica.

Por outro lado, as redes sociais estão sendo utilizadas também para promover o conhecimento histórico, sendo ocupada por produtores de memes com temática histórica comprometidos com a ética profissional, em produzir material historicamente correto. O memes históricos teriam a capacidade de comunicar identidades sociais e de grupo ao abordar temas comuns ao grupo de pessoas interessadas no assunto.

Há uma iniciativa interessante de musealização dos memes, o #MUSEUdeMEMES<sup>4</sup> criado em 2015, na Universidade Federal Fluminense, que demonstra a emergência de tratar os memes também como fontes, como parte da cultura popular da internet, como patrimônio. Com atividades que envolvem pesquisa, ensino e divulgação científica, voltado a leigos e especialistas, o #MUSEUdeMEMES mantém coleções de memes organizados por assuntos, organiza exposições físicas e *online* e mantém um banco de dados com produções acadêmicas (dissertações, teses, artigos, livros), ensaios e entrevistas.

De acordo com o próprio site O #MUSEUdeMEMES “é, em si, um meme, isto é, uma brincadeira, um artifício, cujo principal propósito é estimular a reflexão sobre o papel que ocupam os memes na cultura contemporânea.” Ao não renunciar ao humor como artifício, os organizadores promovem uma discussão acadêmica sobre o tema para aqueles que assim desejam, ao mesmo tempo representa a ocupação do espaço virtual com material sério, comprometido com a ética do historiador.

Memes históricos também seriam utilizados para contestar visões históricas e evocar temas sensíveis de nossa história, utilizando o humor derrisório para tratar temas como racismo e escravidão. Sobre o assunto Bárbara Vitória aponta que:

Em 2015 as redes sociais do Brasil assistiram a um desfile de mensagens intensamente racistas promovidas pela propagação do meme “Nego”. Este meme usa a expressão “nego”, que adquiriu muitos significados ao longo da história, como principal elemento para criar piadas a partir de uma combinação de imagens de pessoas negras em diversas situações que remetem a forma como a expressão “nego” está sendo usada (VITÓRIA, 2019, p.41).

---

<sup>4</sup> Ver: <https://museudememes.com.br/>

Vitoria demonstra, em sua pesquisa, que tratar o assunto de forma metódica e teórica é importante para fazer frente aos usos de temas históricos que visam deturpar, deformar, desinformar e se apropriar da narrativa histórica aproveitando-se da possibilidade maior que se tem, nos dias de hoje, para acessar e selecionar informações.

Neste sentido, algumas dissertações no âmbito do ProfHistória, incluindo a dissertação de Bárbara Vitória, foram desenvolvidas tendo como tema os memes de internet com temática histórica e contribuíram tanto para a discussão teórica quanto para a prática docente. No *site*<sup>5</sup> do programa encontram-se disponíveis 6 dissertações que tratam do assunto (uma delas de forma indireta), sendo a mais antiga defendida em 2018 e as mais recentes em 2020.

Tais dissertações utilizaram, como arcabouço teórico, as ideias de *consciência histórica*, *literacia histórica*, *história do tempo presente*, *história pública e história digital* (as duas últimas mais recentes e ainda em calorosa discussão sobre seu *status* na academia). Ao adotar tais premissas percebe-se que tais dissertações preocuparam-se, essencialmente, em desenvolver metodologias e práticas que dessem conta do presente vivenciado pelos estudantes buscando historicizar esse processo.

Desta forma, temos um tema essencialmente caracterizado no presente – os memes – interrelacionando-se com diversos outros temas do presente que possuem raízes profundas no passado. É o que se percebe no trabalho de Eliete Araújo (2020) que apontou o potencial do uso dos memes “Nego” para uma educação étnico-racial que problematiza a persistência do humor como subterfúgio para práticas racistas e discriminatórias.

Percebe-se, portanto, que, como já apontado por Chagas (2020), o tema “meme” vem alargando cada vez mais seu alcance prático e teórico adentrando o ambiente escolar de forma constante, apontado pelos diversos trabalhos citados acima, exigindo de professores e professoras a apropriação de outros conceitos teóricos também importantes para seu fazer profissional. Dessa forma, trabalhar aspectos da Idade Média presentes no dia a dia dos jovens através de memes, se apresenta como oportunidade de desenvolvimento de habilidades que não estarão restritas a esse período histórico, nem ao ambiente escolar.

---

<sup>5</sup> <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes>

## **Possibilidades e desafios do ensino de História medieval diante de um mundo digital e extremado**

Com a BNCC e o NEM a quantidade de aulas semanais de História acabou sendo reduzida, em muitas escolas, a uma aula semanal em todas as séries. A diminuição ocorreu uma vez que a jornada de aula continuou de 4h/dia, mas com a necessidade de inserir a carga horária de Itinerários Formativos. Diante do pouco espaço destinado à disciplina de História, dos desafios impostos pelas transformações da Era digital, da disputa pela autoridade sobre o ensino de História, discute-se as possibilidades e desafios que rondam professoras e professores de História que adentram as salas de aula da segunda década do século XXI.

A História esteve presente na vida das pessoas em formatos que extrapolavam as salas de aula. Muitas pessoas conhecem fatos históricos através de filmes, documentários, revistas em quadrinhos, romances, jogos. Não se trata aqui de desvalorizar os conhecimentos adquiridos por meios outros que não os formais e sim demonstrar que sempre houve a convivência de formas formais e informais de adquirir conhecimento histórico.

A Idade Média, por exemplo, talvez seja conhecida por muitos mais pela literatura, filmes e jogos que por livros didáticos ou acadêmicos. As universidades têm se ocupado em desenvolver grupos de estudo e pesquisa referentes às diversas formas de se aprender História, o que demonstra que há uma preocupação em tornar tais aprendizados mais significativos e amparados pela ética do ofício.

Discute-se aqui a necessidade de compreender a realidade na qual estudantes estão inseridos e se apropriar de meios e metodologias que possam tornar o aprendizado histórico mais próximo da realidade dos/as estudantes.

Pensar em práticas educativas diferenciadas, que prendam a atenção do/a estudante é uma exigência quase intrínseca ao fazer docente. Professoras e professores de todo o país vivem em busca de novas metodologias, novos assuntos, capazes de tornar o conhecimento histórico significativo. Marella Albaine F. da Costa defende que o ensino de História deve ser “vivo”, ou seja, um ensino capaz de ir além de operações mecânicas e repetitivas, que

toca os estudantes não apenas na esfera intelectual, mas também os atinge na esfera axiológica, valorativa, colocando-os como protagonistas na luta por melhores condições de existência e, conseqüentemente, de estudo, ressignificando a relação que estabelecem com o conhecimento (COSTA, 2021, p.20).

Ressignificar a relação com o conhecimento, quando pensamos o século XXI é, também, compreender as mudanças ocorridas com rapidez nos últimos anos, se apoderando dos diversos meios de se informar, de obter conhecimento, mas utilizando o pensamento crítico e elencando valores que prezem pelo bem-estar comum.

Para tanto, segue a autora, o “digital” é pensado para além da materialidade das tecnologias, compreendido não como um fim em si, mas como um *meio*. Não basta às escolas, professores e estudantes terem computadores e tablets, acesso à internet, se não se apropriarem daquilo que ela chama de *lógica digital* (COSTA, 2021, p. 21). Uma forma de organização de ideias, pensamentos, formas de se relacionar e ser no mundo marcados pela não linearidade, hipertextos, links, ubiquidade característicos do mundo digital, mas não restrito a ele.

Estamos vivenciando aquilo que Barros (2022) chamou de Era Digital, uma realidade marcada pela multimodalidade, interatividade, número crescente de usuários e na qual os ambientes de sociabilidade que antes eram físicos, se tornaram também virtuais. A sociedade advinda desta Era digital é, também, digital. Nela

o mundo virtual percorrido pelo internauta pode ser um mundo à parte: uma outra realidade na qual o usuário se reinventa. Ou o usuário pode ligar os dois mundos – o virtual e o real –, fazendo do primeiro uma extensão do segundo e daquele se valendo para ampliar as suas relações pessoais na realidade vivida (BARROS, 2022, p. 46).

Parece adequado afirmar que diante da perspectiva de Barros o/a professor/a pode ser o agente mediador desses dois mundos no que se refere, como o caso deste trabalho, a temas inseridos no contexto do conhecimento histórico. A mediação pode se efetivar tanto na prática pedagógica em si, auxiliando os/as estudantes a se munirem das ferramentas práticas e metodológicas para vivenciar a experiência digital, quanto atuando de dentro da esfera digital.

Para tanto, faz-se necessário que a formação dos profissionais seja repensada, tanto a formação inicial quanto a continuada, que materiais de apoio sejam desenvolvidos, publicizados e distribuídos e que professoras e professoras continuem fazendo o que sempre fizeram: buscar, por meios e caminhos próprios se apropriar das transformações que adentram os espaços escolares. Uma das transformações é a atuação “dentro” do digital através das redes sociais, não com um perfil pessoal, mas como profissional.



A pandemia de COVID-19 obrigou as escolas a migrarem para plataformas virtuais, utilizar tecnologias de comunicação e produção de conteúdo o que impôs desafios e dificuldades aos profissionais da educação. Muitos deles são migrantes digitais, ou seja, precisaram aprender a viver em um mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais e sentiram dificuldade em se apropriar das novas ferramentas. Outros profissionais já ocupavam tais espaços, manejavam bem as ferramentas típicas da área, como a internet, programas de produção e edição de vídeos, plataformas de ensino virtual, redes sociais, dentre tantas outras.

De uma forma ou de outra houve o contato com um mundo que já era ocupado por sujeitos outros que tratam dos mais variados assuntos, dentre eles assuntos históricos. Esses sujeitos são os *influencers*, *youtubers*, personagens típicos das redes sociais que as utilizam para os mais variados fins (entretenimento, ensino, política, comércio etc.). Deste contato emerge a necessidade de discuti-lo, fazer parte dele, problematizá-lo, de forma especial em sala de aula.

Na esfera das discussões sobre História Pública, Marta Rovai chama atenção para o fato de que

Observamos, cada vez mais, a apropriação social de novas tecnologias a partir de opções individualizadas sobre o que ver e ouvir, e também sobre o narrar histórico. Fronteiras narrativas foram rompidas há tempos, assim como a circulação mais veloz de informações tem facilitado e também confundido a produção e o acesso ao conhecimento histórico, transformando os sujeitos em espectadores, clientes, produtores e consumidores de “produtos históricos”. As ondas e as redes de comunicação que promovem os usos do passado nunca foram tão dinâmicas e passam a concorrer com o tempo mais lento e necessário do historiador, tirando dele certa exclusividade sobre o fazer historiográfico (ROVAI, 2020, p. 131).

Rovai salienta pontos já observados por professores de História ao longo dos últimos anos. Primeiro, a disseminação de uma concepção de conhecimento baseado na escolha individual, que favorece determinados vieses e limita o diálogo, tão caros ao pensamento histórico. Estudantes se relacionam com conhecimentos produzidos para serem *consumidos*, em uma posição de *espectadores* que, de forma alguma coaduna com uma proposta de ensino preocupado com a formação de cidadãos críticos e ativos.

A quantidade de informações, a rapidez com a qual são produzidas, replicadas e transmitidas muitas vezes traz a ilusão de quantidade, diversidade e pluralidade. Contudo, em

tempos de fake News, negacionismo, revisionismos e maus usos do passado, profissionais da área de História (seja pesquisador/a ou professor/a de qualquer nível) conseguem perceber as armadilhas de uma visão idealizada dos espaços digitais além de serem capazes de identificar possibilidades e limites.

O interesse de pesquisadores em temas que relacionam a cultura digital e o ensino de História já é objeto de pesquisas em diversos níveis<sup>6</sup>. A presença constante dessa temática em produções ao longo dos anos, dentro de programas de Pós-Graduação, demonstra que o ciberespaço é também um ambiente que pode ser analisado como fonte histórica, bem como um meio pelo qual estudantes aprendem História. A interconexão entre pessoas, computadores, *smartphones*, é uma das marcas da comunicação e interação típicos desse novo espaço e, sabemos agora, uma marca da geração que ocupa os assentos das escolas de ensino médio.

Diante de uma realidade que possibilita o acesso a milhares de conteúdos de forma rápida e fácil e na qual se percebe a facilidade de desinformar, distorcer e deformar fatos históricos, historiadores e professores/as de História se vêm diante de uma gama de possibilidades e perigos.

Barros ao apontar a riqueza de possibilidades abertas nesta sociedade digital ressalta, dentre as “armadilhas e perigos” a grande circulação de discursos de ódio, alienação política e retrocessos na justiça social (BARROS, 2022, p.90). A utilização de memes de internet, por parte da extrema direita no Brasil parece funcionar, justamente, como uma forma de utilizar personagens e tempos históricos para reafirmar e direcionar posicionamentos políticos.

Sendo assim, é importante que o/a historiador e o/a professor/a de História trabalhem para “instrumentalizar o cidadão comum [no caso específico dos/as professores/as, o cidadão comum seria os/as estudantes] com uma maior, a cada vez mais necessária, capacidade crítica” (BARROS, 2022, p.90). Apontando, discutindo, problematizando novos documentos, a exemplo dos memes de internet, tem-se a possibilidade de desenvolver, junto aos/as estudantes, sua capacidade crítica e sua consciência histórica (RÜSEN, 2001).

Os desafios econômicos, de infraestrutura, de pessoal capacitado, de acesso aos meios tecnológicos como computadores, tablets, Internet, são um verdadeiro calcanhar de Aquiles para educadores hoje em dia. Contudo, em um mundo marcado pela ampla gama de informações – e desinformações –, na qual diversos atores disputam a autoridade sobre a

---

<sup>6</sup> Costa (2021), no capítulo 2, faz um levantamento das produções que abarcam a temática de cultura digital apresentados em eventos acadêmicos, dissertações do ProfHistória, grupos ou linhas de pesquisa.

produção de conhecimento é importante que tentemos ser mais como os personagens das distopias citadas: Clarisse e o Sr. Faber que não se conformam com a realidade, ou mesmo como Winston Smith e Bernard Marx que se rebelam contra a ordem das coisas.

Aos estudantes do século XXI não deve ser suficiente que “imaginem que estão pensando”, como em *Fahrenheit 451*, nem sejam meras mercadorias no grande conglomerado das *Big Techs*<sup>7</sup> e, nesse sentido, fica claro o papel social da escola e dos estudos históricos. Ao proporcionar que tais estudantes reflitam sobre o ambiente que os cerca, sobre os produtos digitais que consomem – e como consomem – as aulas de História poderão oferecer uma contribuição para o desenvolvimento da consciência de ser no mundo em relação com suas experiências no tempo.

## Referências

ANDRADE, D. E. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente. In.: BARROS, José D' Assunção. **História digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

ARAÚJO, E. R. **Usos de memes de internet na aprendizagem histórica: uma proposta para a educação étnico-racial desenvolvida no centro de ensino Fortunato Moreira Neto, em Porto Franco - MA**. 2020. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Araguaína, 2020. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes>. Acesso em 03 ago 2022.

ARAÚJO, J. X. de. **Memes: a linguagem da diversão na internet. Análise dos aspectos simbólicos e sociais dos Rage Comics**. 86 pps. Monografia final do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

BARROS, J. D'A. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, J. D'A. (org). **Historiografia Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, p. 127–149, maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/WYqvqrhmpwpWpGVY47wWtp/?lang=pt#>. Acesso em: 30 out. 2023.

---

<sup>7</sup> Nome dado às grandes empresas do setor de tecnologia da informação, majoritariamente localizadas no Vale do Silício, EUA. Google, Amazon, Apple, Meta e Microsoft são os exemplos mais conhecidos.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) . Acesso em: 02 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm) . Acesso em: 02 de abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21 de dezembro de 2017c, Seção 1, p. 146. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 02 de abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017d**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho -CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html> >. Acesso em: 02 de abr. 2022d.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CHAGAS, V. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. SciELO – EDUFBA, 2020.

\_\_\_\_\_. O meme é o mundo. **Revista Comunicação e Memória**. Rio de Janeiro, n. 2, p. 74-83, jun., 2021. Disponível em: <https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/post?id=58>. Acesso em: 25 mar. 2023.

COSTA, M. A. F. da. **Ensino de História e historiografia escolar digital**. Curitiba: CRV, 2021.

DAWKINS, R. **O homem e a ciência**: o gene egoísta. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

FONSECA, T. N. de L. e. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). In: CHAGAS, V. **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. SciELO – EDUFBA, 2020. Edição do Kindle.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

NADAI, E. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. 1 v. 13, n.25/6, p. 143- 162, 1993.

MORAIS, A. R. A. de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 20(1), 152–172, abr. 2019.

ROVAI, M. G. de O. História pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, Tiago Siqueira *et al.* **Coleção história do tempo presente**. V. II. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**: teoria da história – os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

RÜSEN, J. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora (*et.al*). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação - RHE** Porto Alegre v. 16, n. 37, Maio/ago. p. 73-9, 2012.

SHIFMAN, L. Uma biografia telegráfica de um encenqueiro conceitual. In: CHAGAS, V. **A cultura dos memes** [livro eletrônico]: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, L. C. **Bolsowave**: o Gênero Discursivo Meme e a Estética Vaporwave cooptados pelo bolsonarismo. 145p. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

VITORIA, B. Z. **Sobre memes e mimimi: Letramento histórico e midiático no contexto do conservadorismo e intolerância nas redes sociais**. 2019. Dissertação (Mestrado em Rede Ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://profhistoria.com.br/articles?terms=memes>. Acesso em 03 ago 2022.

---

**Recebido em:** 30 de julho de 2023

**Aceito em:** 31 de outubro de 2023

---